

PECEP

pré-vestibular social

Ainda estou aqui

(parte 3: figuras de linguagem)

Chamada

Você lembra sua música favorita de infância?

Ainda estou aqui

Lista de recursos

-  [Professora Milla Borges](#)
-  [Professora Allana Motta](#) ★
-  [Artigo acadêmico \(Silva e Nascimento\)](#)
-  [PDF](#)
-  [Audiolivro](#)



Gênero textual:

campanha publicitária (de canal ou programa de TV)

Finalidade comunicativa:

te convencer a assistir às notícias nesse canal / programa de notícias

Como a imagem auxilia nesse objetivo?

A telespectadora ocupa o lugar da câmera, mostrando quão perto dos acontecimentos esse canal te leva

É **como se** você estivesse lá!



Gênero textual:

campanha publicitária da WWF, ONG pela preservação de espécies ameaçadas

Finalidade comunicativa:

te comover sobre a fragilidade e importância do ecossistema

Como a imagem auxilia nesse objetivo?

O ecossistema/ a natureza **são como** um jogo de Jenga! Têm um equilíbrio frágil e a retirada de algumas peças erradas pode fazer tudo cair.

METÁFORA



Gênero textual:

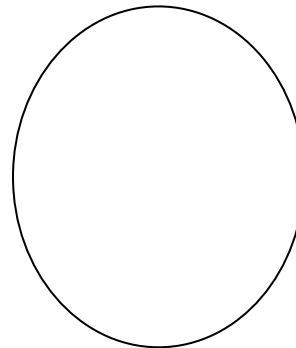
campanha publicitária (sem mais informações)?

Finalidade comunicativa:

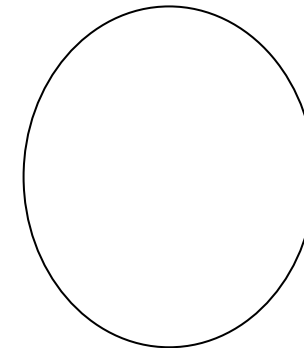
te comover sobre o aquecimento global

Como a imagem auxilia nesse objetivo?

sorvete



planeta



METÁFORA



Gênero textual:

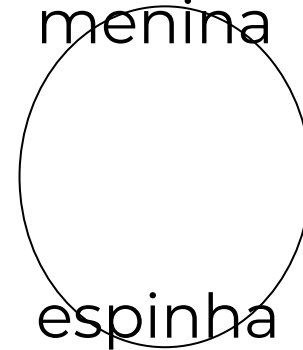
campanha publicitária de um creme ou pomada contra espinhas

Finalidade comunicativa:

te convencer a usar esse creme

Como a imagem auxilia nesse objetivo?

menina



espinha

+ exagero

METONÍMIA + HIPÉRBOLE



Gênero textual:
campanha publicitária
de uma loja de móveis

Finalidade comunicativa:
te convencer a
comprar os produtos
de lá

**Como a imagem
auxilia nesse
objetivo?**
Contraste entre a
varanda colorida e as
outras

ANTÍTESE



always
discreet

Gênero textual:

campanha publicitária de absorventes

Finalidade comunicativa:

te convencer a comprar usar essa marca

Como a imagem auxilia nesse objetivo?

Mostra a capacidade de absorção (literal), sem mostrar sangue

EUFEMISMO



Gênero textual:

campanha publicitária
de fio dental

Finalidade comunicativa:

te convencer a comprar o
fio dental Colgate

Como a imagem auxilia nesse objetivo?

Cria personagens: o
brócolis e o palito que
não consegue alcançá-lo

PERSONIFICAÇÃO



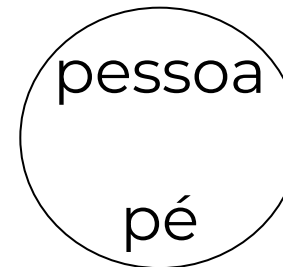
Gênero textual:

campanha de saúde

Finalidade comunicativa:

te mostrar a importância do distanciamento social durante a pandemia

Como a imagem auxilia nesse objetivo?



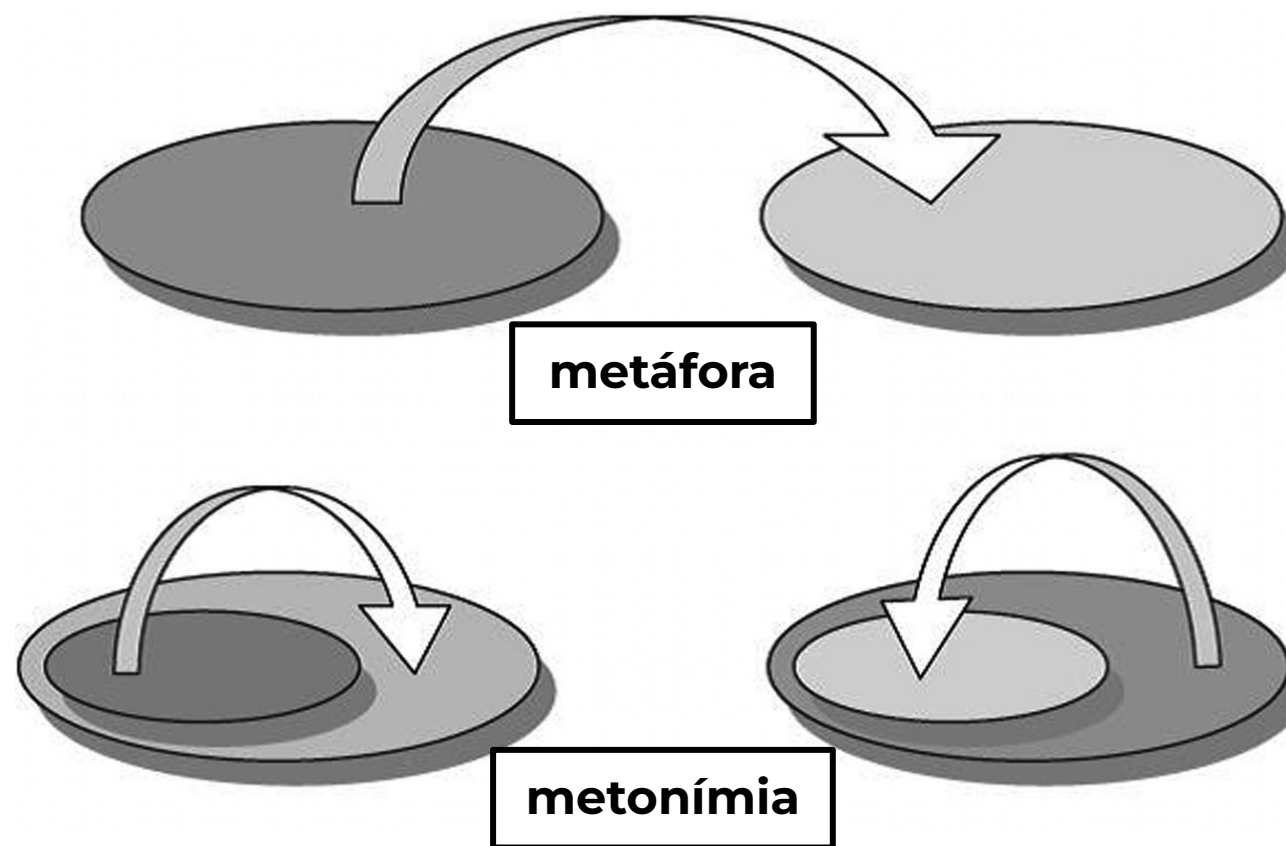
+ comparação com a sensação de dor de LEGO

**METONÍMIA + ANALOGIA +
SINESTESIA**

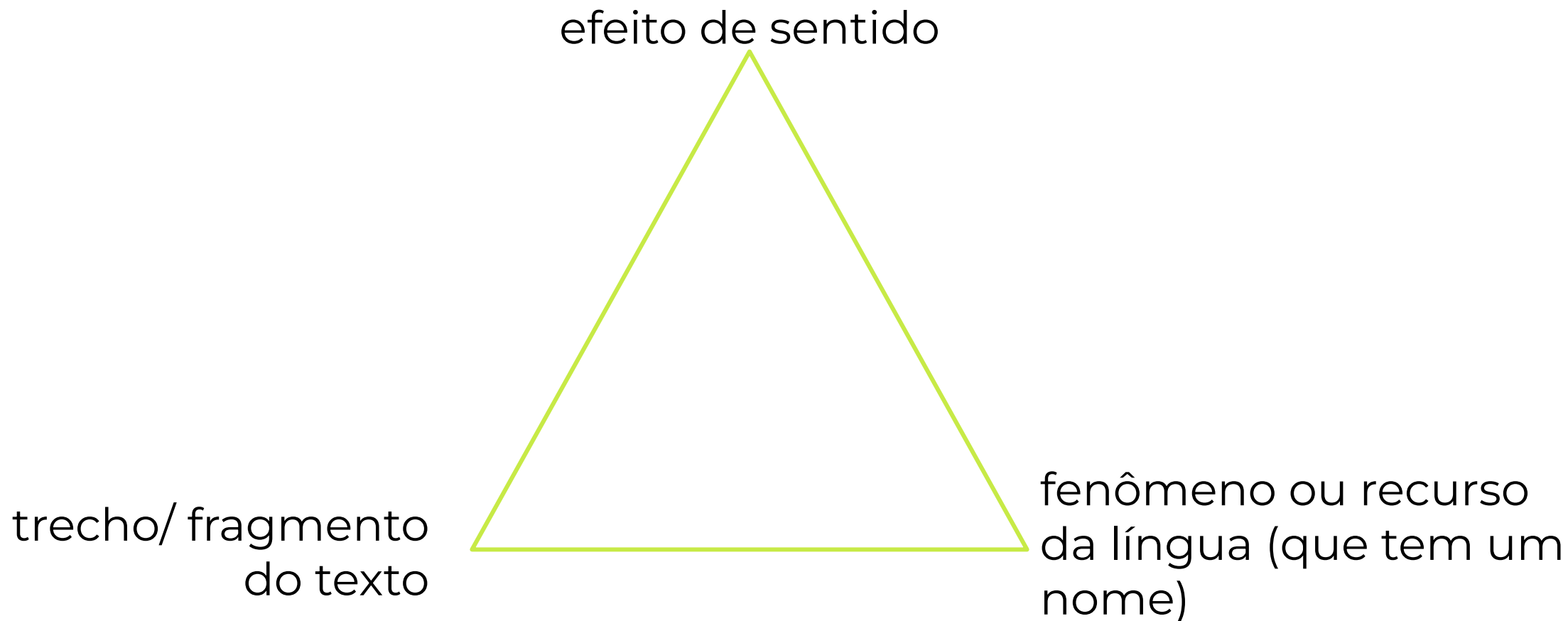
Figuras de linguagem

METÁFORA	METONÍMIA	PERSONIFICAÇÃO	ANTÍTESE	PARADOXO	EUFEMISMO	IRONIA	HIPÉRBOLE
comparação implícita entre dois elementos de universos diferentes; um empresta características para o outro	a parte é tomada pelo todo ou o todo é tomado pela parte	atribuição de qualidades ou ações humanas a animais, objetos inanimados ...	emprego de palavras que têm sentido oposto	existência de uma contradição entre ideias (diferente da antítese!)	suavização da mensagem	representação do contrário do que se pretende afirmar	exagero intencional de uma ideia

Figuras de linguagem



Como pensar as questões?



Morávamos numa casa de dois andares, na esquina da rua Delfim Moreira com a Almirante Pereira Guimarães, em frente à praia. Na época, uma transversal tranquila, com casas de classe média e sobrados, onde crianças brincavam e jogavam bola na rua. Num dia em que eu jogava com os novos amigos, minha mãe me viu e gritou da janela:

— Seu vigarista, venha terminar o dever!

Riram muito da palavra “vigarista”. Acho que a maioria não sabia o significado. Nem eu. Pelo tom, sacamos que era algo que se diz a alguém que quebra uma promessa e deixa os outros irritados. Eles ficaram repetindo, “Vigarista!”, “Vigarista, Vigarista!”. O apelido pegou. Até nisso ela era sofisticada. Enquanto a maioria tinha apelidos simples, Teco, Neco, Caco, o meu vinha de uma palavra sofisticada, que enrolava na boca. Era a cara da minha mãe inspirar um apelido impronunciável. Com o tempo, virou Viga.

A casa do Rio era um entra e sai rotineiro de amigos: dos meus pais, que deixavam suas coisas e iam à praia; das minhas quatro irmãs; paqueras e apaixonados; amigos meus do time de rua, que jogavam entre os portões dos vizinhos e passaram a me chamar de Viga.

No dia 20 de janeiro, feriado da cidade, fazia bastante sol, ou, como dizem os cariocas, “deu praia”. Meu pai tinha saído cedo para caminhar na orla com Raul Ryff, que também voltara do exílio e era nosso vizinho, confidente e correspondente de um jornal inglês. Andava preocupado. Sabia que seu nome tinha vazado, que a repressão sabia que ele e Gasparian ajudavam garotos procurados pela polícia. Um deles foi preso com um cheque da firma do Gaspa. Gaspa soube, avisou meu pai e se exilou com a família em Londres.

Não sei o que passava pela cabeça do meu pai. Ele sabia que o cerco apertava. Apesar de não estar envolvido diretamente com a luta armada,

escondia gente, dava dinheiro, ajudava os mais desesperados, trocava informes, viajava e fazia contato com brasileiros no exílio, lideranças do governo deposto, denunciava tortura, prisões arbitrárias, censura, tinha amigos correspondentes estrangeiros, como muitos da esquerda brasileira, ou democratas, ou enjoados com o terror praticado pela ditadura, ou traídos por ela, que davam dinheiro, ajudavam os perseguidos, faziam contatos, denunciavam arbitrariedades de um regime de terror. Ele andava tenso, queria dar um tempo, se dedicar mais à família; dizia isso aos amigos. Estava na cara que deveríamos ter partido para o exílio. Todos se foram. Era a lógica para alguém visado. Partidos de esquerda se esfacelaram no começo do golpe. Até partidos de esquerda contra a luta armada estavam sendo esmagados pela ditadura depois do AI-5. A pergunta: por que ele atrasou tanto a nossa partida? Arrogância? Confiança? Dever ideológico?

O narrador MRP não anuncia que a narração mudou de mãos!

Isso tem nome e é um recurso muito usado ao longo desse livro

discurso indireto livre

seu sofrimento. Talvez a dor da tortura não chegasse aos pés da descoberta de que tomou decisões erradas, arriscou a vida da mulher e dos filhos, crianças ainda. Deve ter sido a sua derradeira tortura.

Quem tem um filho faz de tudo para se preservar, para dar suporte e acompanhar o crescimento daquele que mais ama. O que eu fiz? Por quê? Onde você estava com a cabeça? Agora não dá para voltar atrás. Agora não dá para fazer nada. Agora não dá para evitar a dor. Agora não dá para salvar minha família. Agora não dá para fugir da morte. Eu vou morrer, sinto que vou, espero que me perdoem. O que fiz prova minha vulnerabilidade, falhas do meu caráter, que pôs tudo a perder e causa muito sofrimento. Não tenho palavras, Eunice, Verinha, Cuchimbas, Lambancinha, Cacareco, Babiú... Perdão. Não verei mais vocês crescerem, não estarei mais ao lado de vocês, não consigo mais proteger vocês, não vou mais brincar com vocês, escutar suas risadas, correr atrás, nadar, não acompanharei vocês na escola, nossa casa maluca não sairá do papel, não saberei que faculdade farão, que diploma pegarão, não acompanharei vocês na vida profissional, não conhecerei seus filhos, meus netos, não verei meus netos crescerem, não estarei ao lado deles, não os protegerei, não vou brincar com eles, escutar as risadinhas, correr atrás, nadar, não acompanharei eles na escola, e como é triste saber que tudo isso acaba, que meu momento com vocês foi tão curto, que não pude aproveitar mais, e me arrependo, me arrependo de não ter passado tempo apenas com vocês, que pena que estou indo embora, que triste que não posso ficar, não me deixam ficar, é inevitável que eu vá, eu não queria, eu não queria, estou tão triste. Tenho que morrer agora.

Morreu repetindo o seu nome. Meu nome é Rubens Paiva, meu nome é Rubens Paiva, meu nome é Rubens Paiva, meu nome é Rubens Paiva, meu nome é Rubens Paiva...

Dizem que foi torturado ao som de “Jesus Cristo”, de Roberto Carlos, música que a minha irmã Eliana se lembra de ter escutado enquanto estava lá:

*Jesus Cristo! Jesus Cristo!
Jesus Cristo, eu estou aqui
Toda essa multidão
Tem no peito amor e procura a paz
E apesar de tudo
A esperança não se desfaz*

Meu nome é Rubens Paiva, meu nome é Rubens Paiva, meu nome é Rubens Paiva...

*Jesus Cristo! Jesus Cristo!
Jesus Cristo, eu estou aqui
Olho no céu e vejo
Uma nuvem branca que vai passando
Olho na terra e vejo
Uma multidão que vai caminhando*

Não é propriamente uma ironia do texto, mas uma **ironia da realidade**... MRP se aproveita dela para mostrar o absurdo da coisa toda.
O que acham?

14 de julho de 2013. Rocinha, Zona Sul carioca. Amarildo Dias de Souza, pedreiro, foi preso por policiais militares, levado até a sua casa e depois para a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) instalada na Rocinha.

No Leblon, Zona Sul carioca, meu pai, engenheiro, foi preso por militares em casa e levado a unidades da Aeronáutica e depois do Exército.

Amarildo era casado com a dona de casa Elizabeth Gomes da Silva e pai de seis filhos.

Meu pai era casado com Eunice Paiva, dona de casa, e tinha cinco filhos.

Não se tem notícias do paradeiro de ambos.

Para a polícia, traficantes da comunidade são os principais suspeitos do desaparecimento de Amarildo. Para o Exército, terroristas sequestraram meu pai enquanto militares faziam reconhecimento de aparelhos com ele num Fusca. Versão oficial que só foi desmentida em 2014.

Testemunhas ouviram Amarildo ser torturado por choques elétricos num contêiner anexo à UPP. Meu pai foi torturado num prédio do Pelotão de Investigações Criminais (PIC), onde funcionava o DOI, anexo ao 1 Exército, e testemunhas o ouviram gritar.

Construção de **analogias**, comparações para mostrar o **paralelismo** entre as situações

O que isso diz sobre a ditadura e sobre a democracia?

Esse conectivo
"como" deixa
explícita a
comparação

Retiraram o corpo como retiraram o corpo do meu pai,
testemunhas, sem alarde.

Qual a figura de
linguagem
presente aqui?
Pense em **quem**
está fazendo a
tortura nas frases.

tortura é a ferramenta de um poder instável, autoritário, que pre
ência limítrofe para se firmar, e uma aliança sádica entre facín
tas psicopatas, lideranças de regimes que se mantêm pelo terro
andados. Não é ação de um grupo isolado. A tortura é patrocinada
tortura é um regime, um Estado. Não é o agente fulano, o
onciar sicrano, quem perde a mão. É a instituição e sua rede de comando
hierárquica que torturam. A nação que patrocina. O poder, emanado pelo
povo ou não, suja as mãos.

O poder, algo
abstrato, não tem
mãos! Ou seja...

Além disso, tente
explicar a
metáfora (bem
comum) de **sujar**
as mãos

Até aqui, uma
narração **neutra**
que não nos faz
duvidar do que
aconteceu;
tom objetivo, sem
emoção

28 de junho de 2013. Tayná era uma adolescente que se encantou pelo
parque de diversões montado perto da sua casa, na periferia de Curitiba.
Foi encontrada morta num mata-bicho, cercada por uma câmera de segurança de uma avenida, e
o corpo jogado no parque. A polícia agiu rápido, foi eficiente e ap
seguiram no parque de diversões. Con
sequestraram. A população começou a linchar os quatro, que fo
para outra cidade. Botou fogo no parque. Dias depois, o
reviravolta. A Perícia Criminal do Paraná é desvinculada e
autonomia que favorece os peritos. Descobriu-se que n
estupro, abuso, fissuras nos órgãos genitais da garota
nas roupas íntimas de Tayná não era compatível
22, Paulo, 25, Adriano, 23, e o irmão Felipe, 22. O
torturados até confessarem o inconfessável. Um teve perfu
depois de empalado. Outro ficou surdo, com o tímpano rompido. Um
terceiro teve suspeita de osteomielite no pulso. Não há provas de que Tayná
esteve no parque naquela noite. Vários policiais foram presos e afastados,
entre eles o delegado que comandava a unidade. Os torturados voltaram
destroçados para as suas famílias, para os seus pais e filhos, sem seu ganha-
pão.

Presença de palavras opostas:

ANTÍTESE

mas...

essa antítese gera uma
contradição: como eu posso
confessar algo que não é
confessável?

então há também um

PARADOXO

A tortura existiu em arenas romanas, em masmorras da Idade Média, em castelos, pelourinhos, foi patrocinada por imperadores, reis e papas, ditadores de esquerda e de direita. Existe quando um Estado precisa subjugar seus inimigos. Apesar de ser considerada crime hediondo, inafiançável, continua existindo. Por que a tortura nunca acaba? Serve para quê?

Para apressar, com eficiência duvidosa, a conclusão de uma investigação. Para encontrar reféns desaparecidos, comparsas, resgates e mandantes. Para desbaratar uma quadrilha. Como vingança. Para destroçar um indivíduo, reforçar quem manda, aterrorizar a população, torná-la dócil. Para dar senso de camaradagem a uma comunidade fechada, como um satânico rito grupal primitivo. Para unir sob uma bandeira que não se sustenta. Para humilhar.

Tortura também serve para inspirar ódio dos próprios torturados por eles mesmos, que se sentem culpados por não resistirem à pressão e a dor e entregar companheiros, comparsas, a família, inventar até o que não fizeram. O torturado se sentirá então o próprio repressor, o próprio torturador. Na ditadura, torturaram freis, freiras, bispos, padres brasileiros e estrangeiros, velhos, bebês, grávidas, pais com filhos, mães amarradas diante de filhos, por uma causa torpe. O torturador tem pai, filho, esposa, amigos, vida pública, faz compras, viaja de férias, gasta horas no trânsito, impostos, economiza, vota, protesta, planeja o futuro. Pensa no seu futuro ou apenas cumpre ordens? Nenhum torturador dá nome a uma praça, uma praça, uma rua, tem um busto. Já seus torturados.. Ele cumpre rotina trivial sem distinguir o certo do errado? Vive sob a banalização do mal sem questionar moralmente os efeitos dele? Até democracias que prezam o bem social, defendem a liberdade, movidas pela igualdade, torturam.

MRP está construindo essa conclusão desde o meio do capítulo, quando conta de Amarildo

Esforço por
lembrar do pai e
auxílio da
memória de
outras pessoas

20 de janeiro de 1971. Meu pai apanhou por dois dias seguidos. Apanhou assim que chegou na 3ª Zona Aérea, interrogado pelo próprio brigadeiro João Paulo Burnier. Apanhou no DOI-Codi, no quartel do 1º. Meu pai era um homem calmo, bom, engraçado, frágil e vaidoso. Um dos homens mais simpáticos e risonhos que Callado conheceu. O que mais **lembram** dele? Da gargalhada, que fazia tremer a casa. Fumava charutos. Gostava de comer do melhor. De viajar. Gostava de Paris. Chegou a morar lá, aos vinte anos, a uma quadra do Sena. Passou um ano na Europa, com os três irmãos, em 1947, para testemunhar a reconstrução de uma terra arrasada. Falava inglês e francês. Cantava algumas músicas em alemão, que aprendeu com sua tia Berta, alemã solteirona: “O, du lieber Augustin, Augustin, Augustin. O, du lieber Augustin, alles ist hin...”. Oh, querido Agostinho, tudo está perdido... Música austríaca baixo-astral cantada de forma histriônica, como toda

música em alemão, que fala da quase destruição de Viena pela peste no final do século XVII. “Geld ist weg, Mensch ist weg, alles hin, Au du lieber Augustin, alles ist hin. Rock ist weg, Stock ist weg, Au im Dreck, o, du lieber Augustin, alles ist hin.” Não há mais garotas desapareceram, tudo está perdido, Augustin, cada dia era e agora é o quê? É a peste, é a peste, Augustin.

Imaginar este sujeito boa-praça, um dos homens mais simp e risonhos que muitos conheceram, aos quarenta e um anos, nu, apant até a morte... É a peste, é a peste, Augustin. Dizem que ele pedia água a todo momento. No final, banhado em sangue, repetia apenas o nome. Por horas. Rubens Paiva. Rubens Paiva. Ru-bens Pai-va, Ru... Pai. Até morrer.

Haverá um duplo sentido aqui? Vamos explorar!